

26 de outubro de 1951

Literatura da Província

A província é o espaço fora do tempo. Em certas épocas alguns espíritos, habitantes dessa claridade sem fronteiras onde as coisas se perdem pela ausência de reação, sentem o clima mudado, iludem-se imaginando que a fase histórica foi superada, e a cidade já conta como um centro autônomo de existência em todas as dimensões.

Iludem-se. Um passo além daquela esquina, dobrando aquela casa amarela, já o ar contém os jasmims do jardim antigo, e trás nas mãos elásticas a presença de um mundo que ainda não pereceu, e que continuará por muito tempo. Em torno podem construir edifícios com três andares, de apartamentos impossíveis. Podem trincar a paisagem, desfigurar as velhas máscaras dos sobrados remotos, espiando para a sua tranqüila com uma expressão de recolhimento desdenhoso. A província continua. Não desaparece assim com essa facilidade banal dos anos que avançam e são apenas tempo. A província detém o espaço e a torrente das horas aí se desmorona, num estuário bastante largo para que não sejam ultrapassadas as comportas, e a dança das horas não acabe, vibrando numa labareda de ação.

Assim, em toda parte. Aqui, ()m a sua lenta capacidade de ir se des()lando das recordações, enquanto em torno se agita o espírito do novo mundo, coisa que afinal ele mesmo não compreende bem o que seja. Naturalmente estamos mais perto do passado que esses povos saturados de tradição depois de um enorme percurso na história.

Onde andarás mais depressa essa corrida das cidades para fora do clima de província? Parece que isso não depende de tradições, mas de aceleração. Também é tudo muito relativo. As capitais da América ainda são lugares de província comparadas as da Europa. É um estado de espírito condicionado ao desenvolvimento da civilização material. O não provinciano é o

que já viu tudo, para o qual tudo é possível. Há um pudor na província, que desconfia do mundo.

Mas a qualidade principal da província deve ser mesmo essa tranqüilidade na qual os homens podem trabalhar sem pressa, porque estão longe da pressa injustificada do mundo. Podem cristalizar em profundidade. Entretanto é para as metrópoles que correm, como que submetidos a um campo de forças, os que devem criar pelo trabalho do espírito. Pois naturalmente é mais fácil uma porção de coisas nesse terreno quando se está numa cidade intensa, que dá a sensação do infinito pelo número de suas máscaras.

Orthez!

Quando se pensa em província, é claro que as barbas brancas de Francis Jammes aparecem em nosso cinema interior. Aquilo era província. Era província com um sentido literário profundo, muito agradável ao nosso bovarismo. E era uma demonstração de certos valores imponderáveis, que também nós poderíamos dominar porque também aqui era província como Orthez, e fontes para sempre murmuravam a nosso lado.

Os regionalistas é que aproveitaram.

Quando amavam mesmo a sua província, tudo se completava. Nem seria possível fazer regionalismo, sem amor, como impossível é recriar qualquer coisa fora dos limites dessa temperatura misteriosa.

Não sei que sentiria, hoje relendo as páginas que um dia proporcionaram momentos de íntima satisfação. Creio que ainda persiste nesse texto de Pedro Wayne o mesmo calor de vida que senti à primeira leitura. Quero me referir à *Charqueadas*, uma pequena novela Riograndense, essencialmente gaúcha pelo tema e pela forma.

A forma reveste a substância e possibilita sua existência no universo das sensações. Quanto com mais plástica, com mais força estará revelando a essência que procura o material onde se expandir. Em Pedro Wayne o estilo era ele mesmo, não havia esforço, não necessitava de superação como acontece com escritores em conflito inconsciente com o mundo de suas criações.

Charqueadas é um livro áspero como uma visita ao seu tema.

E o curioso é que Pedro Wayne não era apenas uma força elementar agindo na literatura regionalista do Rio Grande, e dando a esta o valor profundo de sua vitalidade enraizada à terra. Sua sensibilidade literária se

expandia em outros sentidos, e basta lembrar aquela plaqueta de poemas, DI()NA, onde se encontra o pequeno poema sobre Camões, com referência as folhas de louro de sua coroa...

Naturalmente a vida é sempre o que tinha de ser. Perfeita e intocável na totalidade de sua existência. Ninguém retoca as cores das árvores e dos pássaros, que nos parecem às vezes exagerados. Ninguém corrige o ímpeto do vento.

Os escritores mortos estão completos, é sempre o que pensamos. Sua obra passou para a categoria das obras definitivas. Não sabemos o que pode haver de oculto entre os homens quando pensamos na literatura como a totalidade do espírito de um povo. Talvez não raro tenhamos nas mãos fragmentos desse monumento invisível.

Pedro Wayne desapareceu no instante dessa dissipação a que todos nós estamos condenados, vem à tona o que realizamos durante a existência.

Ele escreveu.

Escreveu uma novela, é o que se poderá dizer em resumo, mas com espírito amplo. Porque essa novela contém a cheiro profundo da terra, o suor para sempre dos homens que eram as figuras familiares no mundo do escritor. Realmente é pouco uma novela, dirão. Mas quando sua substância é feita de sofrimento imenso e da pequena glória da vida, é suficiente. E um escritor de província já faz muito quando consegue tanto.